

Redução da dívida preocupa japoneses

WASHINGTON — O plano americano de redução da dívida eleva o Japão ao segundo lugar dentro do FMI, a mesma posição que já alcançou no Banco Mundial. E os japoneses querem um monitoramento muito cuidadoso para evitar que os beneficiários de uma redução da dívida não cometam um suicídio econômico.

O presidente do Banco de Tokyo, Yusuke Kashiwagi, acha que há muito risco no processo de redução de dívida. Um deles é a fuga de capitais. "É preciso evitar que qualquer redução de dívida beneficie realmente a economia, e não desapareça. O total da dívida dos países da América Latina ao setor privado é de US\$ 410 bilhões, mas o total de depósitos acumulados com a fuga de capital está calculado em cerca de US\$ 300 bilhões. O monitoramento deve ser um papel para as instituições internacionais".

Kashiwagi resolveu "falar duro", em Washington, anteontem, pouco antes do anúncio do Plano Brady: "A redução da dívida não vai resolver a questão se os países devedores não realizarem esforços para ajustar suas economias".

O Japão avançou também na liderança da renegociação da dívida entre os bancos comerciais. Kashiwagi lembrou, por exemplo, o acordo com o Brasil, de que somente 308 bancos, entre 700, resolveram participar. "Com isso, a participação dos bancos japoneses cresceu de 14,5% para 19,8%."

ELOGIOS

O secretário Brady disse que o FMI deverá ter um aumento de capital, hoje de US\$ 55 bilhões. O governo japonês é que fornecerá a maior parte do dinheiro novo, um total de US\$ 20 a 25 bilhões.

O diretor executivo do Japão no FMI, Kohi Yamazaki, elogiou o discurso do secretário Brady, qualificando-o de "muito positivo e muito esperado", ao mesmo tempo que afastou qualquer pretensão japonesa de liderança do processo de redução da dívida.

"A estratégia da dívida requer a liderança dos Estados Unidos e nos a aplaudimos. Damos-lhe nossas boas vindas".

O Japão concorda com os Estados Unidos quanto à necessidade de atribuir ao FMI e ao Banco Mundial um papel mais ativo na solução do problema da dívida. Um funcionário do governo americano especulava, ontem, que esta nova situação pode acabar com a rivalidade atual entre as duas instituições.

Uma das sugestões do banqueiro Kashiwagi é a de que as duas instituições também passem a fornecer garantias para que os países devedores consigam dinheiro novo no mercado, a custos baixos. Para ele, os esquemas de co-financiamento com o Banco Mundial continuam sendo uma opção ao setor privado, "mas pequena", a menos que se inclua uma cláusula recíproca de não cumprimento nos próximos acordos. (M.R.)